

Prolegômenos da Polarização Política Brasileira: uma análise em perspectiva da rede de atores¹

Karine do Prado Ferreira GOMES²

Allan Cancian MARQUEZ³

Faculdade Araguaia, Goiânia, GO.

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

RESUMO

O objetivo central desse presente texto é apresentar alguns prolegômenos para compreensão da polarização na política brasileira por meio da análise em perspectiva da rede de atores coletados em abril de 2017 no LABIC (UFES). Como base teórica metodológica, utilizamos a teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2013). Por meio de vários *softwares* como o Ford, Netvizz e Gephi, pudemos visualizar os fluxos de atenção e conversação de 622 atores. Dessa maneira, conseguimos avaliar a polarização presente dentro da rede em questão. Procuramos desdobrar de maneira introdutória, os desenvolvimentos sociais e históricos para justificar o arranjo em tal arquitetura. A arquitetura reticular digital proporciona a conexão de vários atores diversos, porém concluímos que a polarização presente na rede não é apenas fruto da simples conexão, mas reflexo de uma construção histórica hipercomplexa refletida e visualizada na rede de atores.

PALAVRAS-CHAVE: polarização; política; rede; perspectiva; ator-rede

Não é por acaso que as alegorias referentes à internet remetem ao imaginário do mar. Palavras como “navegar”, “surfear” e a lógica estética de alçar mergulhos mais profundos como o nível da “deep web”, demonstram o nosso agir dentro desse mundo liquefeito em que a tecnologia habita. Nossa sociedade vive hoje o ápice da tecnologia digital em encontro com o mundo moderno: um mundo “líquido”⁴ em que o que é sólido “se desmancha pelo ar.”⁵ Por meio dessa sinergia, entre a socialidade contemporânea e

¹ Trabalho apresentado na DT 5 – Comunicação Multimídia do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

² Professora da Faculdade Araguaia (GO) e da Universidade Federal de Goiás (UFG) na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), e-mail: karinedoprado@hotmail.com

³ Mestrando em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), sendo Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, e-mail: allancancian@outlook.com

⁴ Referência ao termo utilizado pelo sociólogo Zygmunt Bauman (1999;2003;2005;2007)

⁵ Referência a frase de Marx e Engels no Manifesto Comunista de 1848 que diz que a modernidade “é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos ... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e

as novas tecnologias de base microeletrônica, resulta-se na cibercultura: que é a própria cultura contemporânea. Desse modo, perante a esse “*informar*” como canta Gilberto Gil em *Pela internet*, constatamos que estamos constantemente à deriva. Não somente pelo o mar informativo e nossa incapacidade de lidá-lo⁶, mas também pela própria arquitetura diaspórica da rede; uma rede que já nasce como arma militar de desinformação. À nossa frente apenas o mar obscuro que nos atracamos, repleto de grades tsunamis informativos, de vida transparente e de uma exposição pornográfica do ser. Somos navegantes em tempos líquidos. Dentro dessa rede podemos destacar o que Bruno Latour chamou de atores-rede. Em sua teoria do ator-rede, Latour (2008) propõe a pensarmos na realidade comunicativa nos contextos de rede levando em conta as formas de hibridização, não somente entre sujeitos humanos, mas entre todos conjuntos de dispositivos, circuitos, tecnologias, banco de dados e todo tipo de entidade-ator. Sobre a forma das redes a qualidade das ações se modificam profundamente. O agir não é mais pensado por um sujeito autor, nem um sujeito teleológico, mas a partir de uma dimensão ecossistêmica e conectiva própria.

Testemunhamos a prenúnciação de uma humanidade totalmente inserida em uma esfera pública global interconectada. Sem âncoras e sem bússolas, perdidos entre os escombros de estruturas, pois estas foram e estão sendo desconstruídas; não há absolutos. Após o Iluminismo, a modernidade desloca o absoluto externo, para o absoluto interno: o próprio ser. Segundo André Lemos, vivemos em “comunidades emocionais” (Weber), desse modo, sentimos a necessidade de unirmos uns aos outros. A necessidade de estarmos unidos marcará a sociabilidade tribal que a contemporaneidade possui do qual Maffesoli desdobra-se em seu livro *O tempo das tribos* (1987). “O tribalismo refere-se, conseqüentemente, a uma vontade de “estar-junto” (*être-ensemble*), para a qual o que importa é o compartilhamento de emoções.” (LEMOS, 1997, p. 3). Essa cultura do sentimento fruto do que o Rev. Guilherme de Carvalho apontou como “Revolução Afetiva”⁷, vai considerar apenas as sensações, tendo como única preocupação o presente

concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar... (MARX E ENGELS, 1973, p. 70)

⁶ Em uma recente matéria para Folha de São Paulo intitulada “Nunca se escreveu tanto, tão errado e se interpretou tão mal”, o historiador e cientista político aponta que apenas 22% dos brasileiros que chegam a universidade tem plena condição de compreender e se expressão. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2018/07/nunca-se-escreveu-tanto-errado-e-se-interpretou-tao-mal.shtml> Acessado em: 17 de julho de 2018.

⁷ Em seu artigo de 2015 para Ultimato intitulado “Sobre a “Ciência Cristã das Afeições”, Guilherme de Carvalho explica resumidamente que a Revolução Afetiva é uma “grande transformação cultural, iniciada

sentido e/ou vivido coletivamente. “Para Maffesoli, a socialidade tribal contemporânea, gregária e empática, que se apoia sobre as multi-personalidades (as máscaras do teatro cotidiano), age a partir de uma “ética da estética” e não a partir de uma moral universal.” (LEMOS, 1997, pg. 3). Deus já não é mais tido como a origem e sentido da moral, mas o próprio homem e sua história. Esse paradigma estético irá impregnar todas os ambientes sociais como a política, a comunicação, publicidade, etc. ou seja, a vida social conjunta. É notório, por exemplo, a emergência de tribos, guetos e minorias que tem seus discursos de cunho altamente sentimental muito mais repercutidos em detrimento da arquitetura da rede (dispersiva e viral).

O mapa visual das redes de polarização

Em parceria com o Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura, o LABIC do Departamento de Comunicação Social, associado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação da Universidade Federal do Espírito Santo, em abril de 2017 a presente pesquisa começou a ser elaborada com o acesso a alguns *softwares* de mineração, extração e visualização de dados. Graças ao LABIC, que desenvolve ferramentas digitais e também utiliza *softwares* desenvolvidos por terceiros para visualização de dados, conseguimos extrair informações advindas de *Big Data*.

Dentre os *softwares* utilizados na pesquisa usamos o NetVizz para gerar dados do Facebook em um arquivo. *gdf* deixando-os assim analisáveis para o Gephi. O Gephi é uma plataforma *open source*, ou seja, possui o “código aberto” para a visualização e manipulação de grafos dinâmicos e hierárquicos, incluindo todos os tipos de redes e sistemas complexos. Considerado o “photoshop dos gráficos”, é uma ferramenta similar ao Adobe Photoshop, porém, em vez de imagens, o usuário é livre para modificar o visual e interagir com a estrutura das redes que importa, posteriormente

a partir do movimento romântico no século XIX, e cujo principal motor foi a emergência do capitalismo afetivo (Eva Illouz). Essa transformação se deu inicialmente pela diferenciação do campo ou esfera afetiva da sociedade (o campo que envolve a classe psicológica, a pedagogia, a mídia pop e a moda, os capitais afetivos, as competências afetivas, a afetivização da religião e o movimento *queer* com sua ideologia de gênero). O crescimento do campo afetivo mostrou, no entanto, que parte de sua força vem de sua escravidão à lógica do capital, criando um perverso subproduto geralmente descrito como “sentimentalismo”, e justificando a colonização e controle de vários campos da vida pelo capital afetivo.” (s/p.) Disponível em: <<http://ultimato.com.br/sites/guilhermedecarvalho/2015/07/20/sobre-a-ciencia-crista-das-afeicoes/#more-1061>> Acessado em 9 de julho de 2018.

adicionando filtros para ressaltar os aspectos que deseja e enfim exportando o resultado final em SVG, PNG ou PDF.

Durante a data de pesquisa em laboratório, fizemos o experimento de montar um *dataset* com várias páginas diversas e aleatórias. Primeiramente criamos um perfil no Facebook e fomos curtindo páginas ligadas a política que o próprio algoritmo do facebook ia sugerindo, pois ao curtir uma página, o Facebook sugere páginas semelhantes. Além disso, extraímos dados do NetVizz para montar o *dataset* que foi composto por 622 páginas. O Gephi gerou um gráfico com 622 nós e 5650 arestas. Portanto, a partir destes programas, com a utilização do algoritmo de distribuição espacial Force Atlas 2 podemos analisar visualmente em formato de grafos com as informações coletadas, como a rede se comporta. Dessa maneira, obtivemos os seguintes resultados:

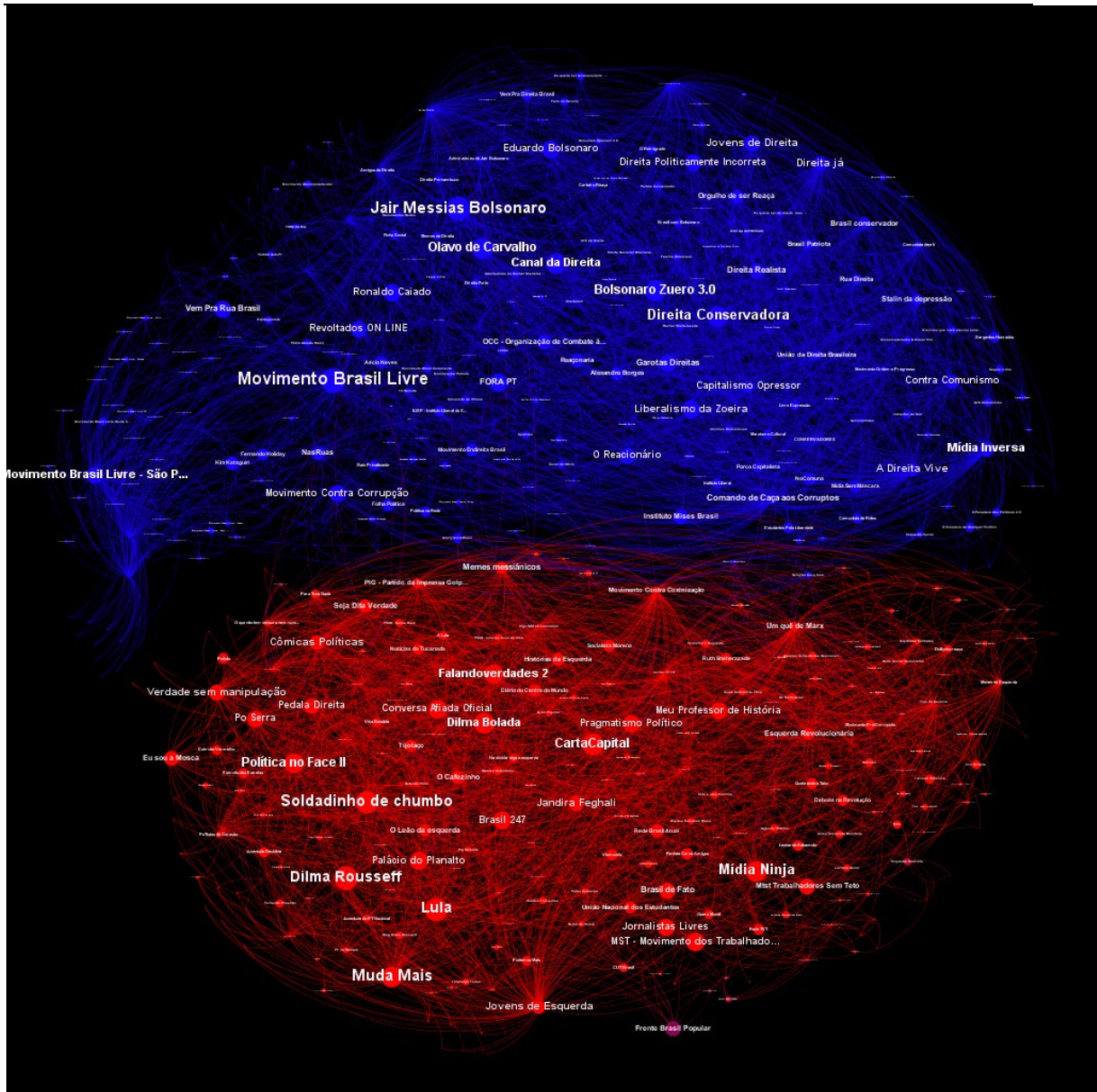
Label	Category	Grau de Entrada	Grau de Saída	Autoridade	Hub	PageRank
Movimento Brasil Livre	Non-Governmental Organization (NGO)	77	22	0.010949	0.013696	0.0154776
Jair Messias Bolsonaro	Public Figure	68	13	0.009686	0.012254	0.005188
Olavo de Carvalho	Teacher	51	1	0.007299	0.009371	0.003606
Direita Conservadora	Political Organization	47	25	0.006738	0.00847	0.00457
Bolsonaro Zuero 3.0	Community	48	9	0.006878	0.00883	0.003635
Movimento Brasil Livre – São Paulo	Cause	33	45	0.004773	0.006157	0.010288

Tabela 1: Maiores destaque no cluster da Direita (com a métrica grau de entrada)⁸

Label	Category	Grau de Entrada	Grau de Saída	Autoridade	Hub	PageRank
Dilma Rousseff	Politician	65	4	0.009264	0.011353	0.011964
Lula	Politician	60	7	0.008563	0.010633	0.009587
Soldadinho de Chumbo	Cause	57	35	0.008141	0.010092	0.003689
Carta Capital	Media/News Publishing	52	1	0.00744	0.009551	0.008614
Dilma Bolada	Fictional Character	48	2	0.006878	0.00847	0.004272
Mídia Ninja	Media/News Publishing	48	23	0.006878	0.00847	0.012369

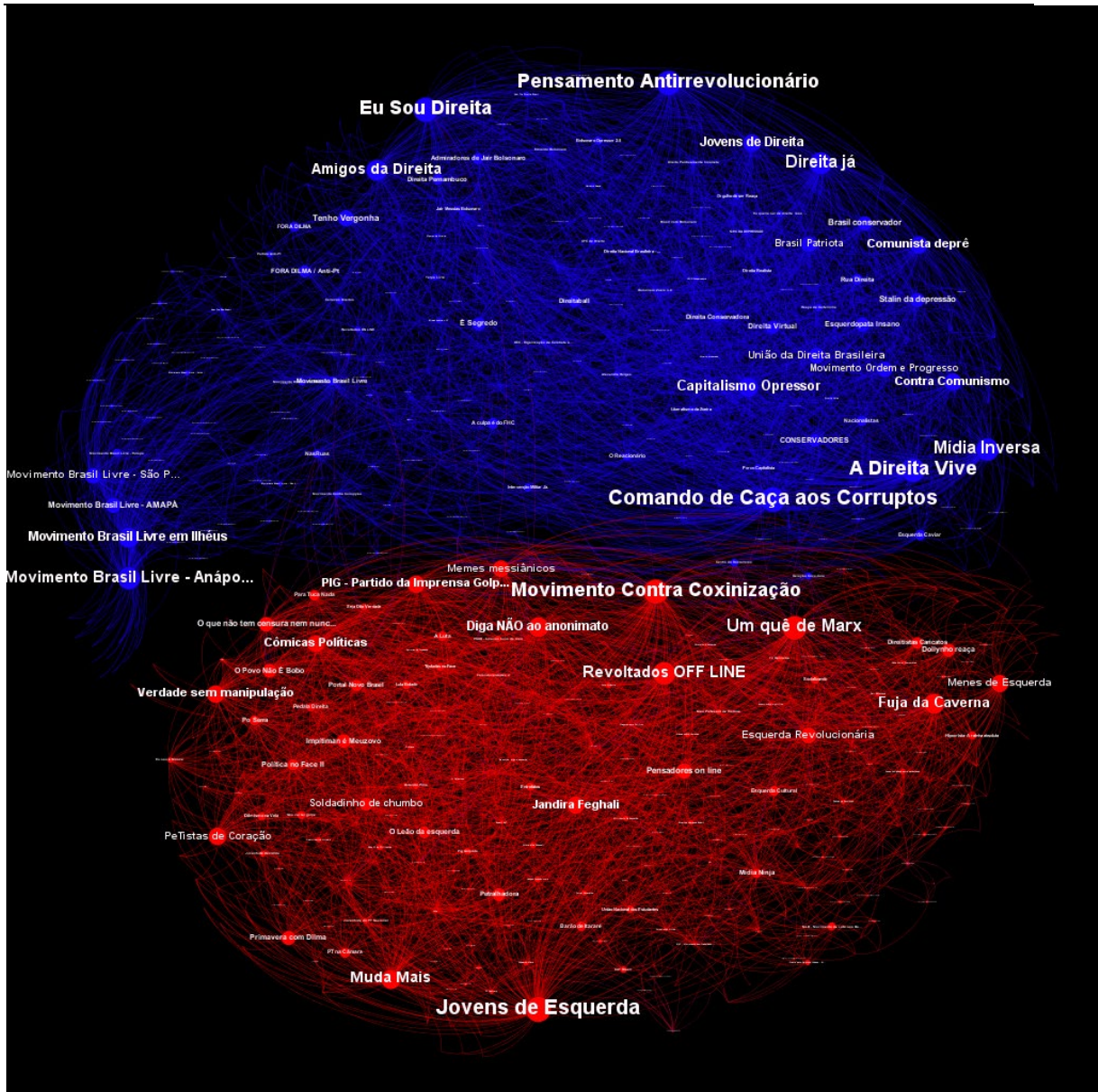
Tabela 2: Maiores destaques no cluster da Esquerda (com a métrica grau de entrada):

⁸A tabela foi retirada do Laboratório de Dados do Gephi, após a aplicação das estatísticas.



Grafo 1 -A rede de atores com a métrica: grau de entrada (in-degree) em abril de 2017⁹

⁹ Grafo elaborado por Allan Cancian Marquez, aluno da pós-graduação UFES (2016-2017) e membro do LABIC.



Grafo 2 - Rede de atores com a métrica: grau de saída (out-degree) em abril de 2017¹⁰

Com a visualização de tais dados empiricamente extraídos, minerados e visualizados em laboratório, podemos aferir algumas questões extremamente relevantes para o atual estudo das redes sociais no Brasil:

Com a distribuição topológica dos atores, a primeira e imediata constatação do grande vácuo presente entre as linhas de forças das redes *networks* demonstradas pelo *Gephi* por meio do *Force Atlas 2* entre o destaque em azul e o vermelho, permite que

¹⁰ Grafo elaborado por Allan Cancian Marquez, aluno da pós-graduação UFES (2016-2017) e membro do LABIC.

identifiquemos as principais fontes de posições e oposições sobre a controvérsia pois demonstra claramente uma divisão entre dois grandes clusters. A interconexão entre os fluxos conversacionais é praticamente nula.

Se há pouca ou praticamente nula a intersecção das conexões algo grave está sendo denunciado. Primeiramente, há uma clara bolha ideológica guiando intencional (por meio das escolhas das páginas) e não intencionalmente as conexões (dos algoritmos do Facebook). Isso corrobora a teoria da “bolha” ou do filtro invisível cujo preponente é Eli Pariser (2010). Para o autor, o *modus operandi* das redes sociais têm mudado completamente nos últimos anos pois são submetidas aos grandes oligopólios que controlam os conteúdos da rede além de ser vassalas do capital onde é usado como instrumento para as ofertas comerciais do Estado e das grandes corporações. “Se o algoritmo que constituía a *EdgeRank* a princípio era a simples combinação de afinidade, peso e temporalidade; de cinco anos para cá esta seleção do que é publicado na *timeline* de alguém passou a levar em consideração além do *EdgeRank* umas 100 mil variáveis que compõem o algoritmo atual.” (ANTOUN, 2016, p.2).

Em segundo lugar, percebemos que o *cluster* “da direita”, encabeçado pelo Movimento Brasil Livre (que também é algo extremamente significativo) é muito mais interativo nas redes, sendo, portanto, mais ativo politicamente. O grau de entrada do Movimento Brasil Livre é o maior de toda a rede (77), em segundo lugar está Jair Bolsonaro (68), atual presidente da república que protagonizou uma das mais polarizadas eleições do Brasil em 2018. Já em 2017 podíamos perceber sua movimentação e sua atuação em rede e interação com outros atores do seu *cluster*.

Ao visualizar a rede de interações, percebemos que o MBL, se somado com o Movimento Brasil Livre São Paulo, se destaca com uma das peças chaves não somente para um discurso polarizado, mas como o principal ator da nova direita brasileira. Para José Fucs (2017, online, s/p.), além de conquistar grande popularidade e na internet, a nova direita, tem feito algo que parecia improvável a alguns anos: “impor a sua narrativa, não apenas para uma audiência de mais idade, mas também para os mais jovens.” como é o caso claro do MBL. Segundo a cientista Camila Rocha (*apud* Fucs), “com a internet, vários grupos de jovens, que se sentiram órfãos de uma explicação para a crise e decepcionados com a corrupção nos governos do PT, passaram a acessar um conteúdo liberal, que antes era de alcance restrito.” Além disso, podemos perceber que a direita

produz uma série de páginas de conteúdo e notícias, como Folha Política, com 1,5 milhão de seguidores, Socialista de iPhone, Implicante, Bolsonaro Zuero 3.0, O Reacionário, entre outras menos cotadas. A “máquina” de comunicação da direita inclui centros de estudos e pesquisa, como o Instituto Millenium, o Instituto Liberal e o Instituto Mises Brasil, com 250 mil seguidores no Facebook. “Os brasileiros se deram conta de que as ideias de esquerda não funcionaram e agora estão buscando uma opção mais liberal”, diz o financista Helio Beltrão Filho, presidente do Mises Brasil para José Fucs.

Em terceiro lugar, algo ainda mais complexo pode ser aferido. Se pensávamos, à luz da ideia de política de Hannah Arendt em seu anseio em voltar ao sentido original (grego) de política, ou seja, a capacidade de conviver e discutir com diferentes e que a pluralidade dos homens seja expressa em um ambiente como a ágora grega, podemos perceber que o diálogo na ágora atualizada das redes sociais que poderiam cumprir o papel de uma “ágora virtual”, tem se desmantelado entre as páginas. Como se pode fazer política, se estamos inseridos dentro de um contexto virtual que têm impossibilitado tanto por meios culturais, como por meios de interesse mercadológico (a bolha de interesses) o diálogo?

Tais análises feitas em abril de 2017 sobre as redes, demonstrando sua intensa polarização de discursos, demonstram reverberações de uma série de acontecimentos anteriores na política brasileira dos últimos anos. Uma delas foi a acirrada eleições de 2014 dentro de um cenário político em crise e total falta de confiança devido a grandes escândalos de corrupção. Porém, tal movimento não é novo e suas causas são extremamente complexas. No Brasil, no entanto, se torna árdua a tarefa de dividir ideologicamente os partidos políticos. Primeiramente porque não podemos falar em uma direita, mas em direitas, pelo fato da existência de inúmeras correntes de direita existentes no País. Dos ultraliberais, que defendem a globalização e a interferência mínima do Estado na economia e na vida dos indivíduos, aos nacionalistas e defensores de um Estado forte e interventor.

Para o sociólogo Marcelo Castañeda, a “polarização da representação política entre PT e PSDB sempre mediados pelo oportunismo do PMDB e partidos fisiológicos menores que circundam o poder constituído”. Segundo ele, essa dinâmica “já dura mais de 20 anos no âmbito do governo federal, complementando dinâmicas estaduais e municipais onde o peemedebismo reina de forma hegemônica no sentido de se fazer como

padrão de governo para poucos”. Na interpretação de Marcelo, essa polarização permanece nas discussões sobre a possibilidade de impeachment ou golpe e sustenta um discurso sobre o “menos pior”. Castañeda, entre as discussões se realmente o governo Dilma sofreu um golpe político-midiático, nos pergunta como um governo pode ser golpeado se ele cedeu a todos os caprichos do mercado, no qual os bancos continuam lucrando como nunca, em que o PMDB é cada vez mais forte? ” (CASTAÑEDA, 2015, s/p.). Tática essa adotada consolidada principalmente por Fernando Henrique Cardoso, com alianças do PFL (Partido da Frente Liberal), egresso da antiga Arena (Aliança Renovadora Nacional), que deu sustentação ao regime militar (1964-1985).

Em 2015, com Dilma Rousseff ainda na presidência, os ânimos dos discursos polarizados estavam ainda muito mais acirrados e culminaram em dois grandes movimentos: um do dia 13 de março, pró-PT/governismo e outro dia 15 de março: pró-impeachment, cujas convocações surgiram principalmente do MBL. Para Fábio Malini (2015) “Os dias 13 e 15 retratam uma bipolaridade vencida por junho de 2013. Seu fato novo é que, diferente de junho, não há pautas concretas a se reivindicar, só há lados a defender”. (MALINI, 2015, s/p.). Para o professor, o que ocorre posteriormente as grandes manifestações de massa de 2013 é uma espécie de regressão por grande parte dos participantes e outros novos agentes. Esses dois grandes perfis das redes (apresentados nos grafos) são unificados por uma linha que se configura na “existência de grupos políticos que insistem em interpretar as manifestações das ruas como uma dimensão bipolar” (*Ibidem.*) Existe também o silêncio daqueles que também foram para ruas em 2013 que agora assistem da arquibancada a crise política e ética no Brasil. Não tomam posição ou no máximo criticam um dos lados da mesma moeda. Porém, o grande saldo de Junho foi sua nova dimensão criativa e de onde surgiu vários novos movimentos. Não podemos negar que abriu-se uma maior consciência política e os brasileiros começaram a repensar seu direito de indignar-se. Foi possibilitado o movimento de produção de uma outra cidade: romperam-se novos ciclos de greves, ciclos de conquistas urbanas, ciclos de conquistas de gênero dentre outras minorias. Porém, *pari passu*, “a política institucional segue refém de partidos constituídos por caciques que escolhem em quem os eleitores vão votar. De modo que a "virada conservadora" nas eleições de 2014 não pode ser lida apenas pelo voto, mas pela cartela de parlamentares oferecida ao eleitor. ” (*Ibidem.*) Junho fez com se autonomizassem os movimentos sociais em relação aos governos. E os novíssimos movimentos derivados, em sua maioria, continuam seguindo

essa autonomização. Precisamos encarar o fato que estamos mergulhados numa virtualidade política com nenhuma perspectiva muito clara do que está por vir.

Bem sabemos que as redes sociais, entre outras fontes de notícias on-line, formam caixas de reverberações de opiniões políticas. Eli Pariser (2012) já nos apontava que os filtros invisíveis gerariam bolhas por meio de algoritmos presentes nas redes e nos sistemas de busca para chamar nossa atenção e aprovação de opiniões e notícias que concordaríamos previamente e reforçassem assim nossas crenças pré-existentes. Nos tendenciando a ler e visualizar informações que só confirmem aquilo que já cremos e elimina-se a possibilidade de qualquer embate. Podemos, no entanto, aferir que as redes sociais, por meio das bolhas informacionais geradas por algoritmos, são a grande culpada dessa polarização? Segundo uma matéria¹¹ do portal on-line Nexo, que traz uma pesquisa da Universidade de Brown, nos EUA, não. Segundos os economistas da universidade que elaboraram a pesquisa, o crescimento da recente polarização política cresceu muito mais em grupos demográficos que menos usam a internet e as redes sociais. A pesquisa foi feita usando uma base de dados de opinião política que afere as predisposições políticas dos eleitores, seus valores sociais, etc. entre a população votante dos Estados Unidos desde 1948. A pesquisa demonstrou que a polarização cresceu mais entre os mais velhos (0.38 entre os eleitores acima de 75 anos e 0.05 entre os jovens de 18 a 39). Isso porque estudos prévios já demonstravam que quanto mais velhas, menos se usa internet. (20% das pessoas com mais de 65 anos usam internet sendo que 80% entre 18 e 39 usam regularmente). Dessa maneira, contrariando o senso comum recente, a internet não seria a grande vilã e nem explicaria o aumento da polarização de opiniões na sociedade. Percebemos então, mais uma vez, que as redes sociais digitais, não são determinantes ou exclusivas para transformações sociais. Elementos muito mais complexos devem ser levados em consideração para o mínimo entendimento.

Prolegômenos filosóficos sobre a polarização política

Há um fenômeno muito estudado por alguns sociólogos da religião que é o da transposição entre a religião tradicional e a política. Isso já acontece há algum tempo.

¹¹ Disponível em : <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/03/31/As-redes-sociais-e-a-internet-s%C3%A3o-mesmo-as-principais-culpadas-pela-polariza%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica#.WN6uf8Fxrly.twitter> . Acessado em 14 de fevereiro de 2017

Com a secularização da cultura e a "expulsão de Deus da esfera pública" fica um vazio de sentido para o homem. Deus, como fonte de sentido e realidade, é impossível de ignorá-lo, o que podemos fazer é tentar colocar algo em seu lugar, que é o conceito cristão de idolatria. Francisco Razzo nos propõe em seu livro *A imaginação totalitária* que a política vem sofrendo esse deslocamento, como um possível substituto de Deus. Sua tese principal é a de que "a concepção de política como esperança consiste no produto fundamental de uma forma específica de imaginação com função prática: a imaginação totalitária." (RAZZO, 2016, p.20). Nesse sentido, para o autor, a política vem cumprindo bem esse papel ao fornecer um tipo de "esperança de redenção" o que irá justificar atos de intolerância - ou atos totalitários. "Para a imaginação totalitária, essa seria a verdadeira vocação da política: salvar a todos e aniquilar a quem atrapalha". (*Ibid.*, pg. 202). A política, entendida a partir dos seus devidos limites, deve significar justamente a arte de mundos possíveis em detrimento da construção imaginária de mundos ideais e nostálgicos, porém, para a imaginação totalitária, começasse a imaginar um regresso a um passado idílico ou a chegada a um futuro utópico.

O estado deixa de ser um ente fiscalizador, formado por humanos imperfeitos, e passa a ser "moralizador, estético e salvador" o que dá origem a uma falsa esperança que constrói uma espécie de religião política, ou seja, uma seita ideológica que enxerga no estado uma espécie de deus laico da modernidade. Notamos que as pessoas cada vez mais não levam sua religião a sério, mas levam política tão a sério porque, em parte, fizeram a transposição das esperanças de mundo melhor da religião para a política criando algo chamado por alguns de "Religião Secular". Vemos um mundo fragmentado onde só enxergamos lutas pelo poder, jogo de forças, etc. É dentro desse vácuo de sentido, que a política é vista como um retorno à unidade perdida e, agora, recuperada. Para Razzo, "a história do Ocidente ao longo dos últimos 150 anos poderá ser vista como uma série de tentativas – conscientes, mais ou menos sistemáticas, mais ou menos violentas – de preenchimento do vazio central deixado pela erosão da teologia." (*Ibid.*, p.115). Para o autor, dentro desse suposto ambiente que o gnosticismo abre as portas, entra-se também o advento de ideologias políticas. Fazendo com que a ideologia seja uma expressão de uma religião política que procura responder pelo toda, busca verdades absolutas e a forçar a realidade a assemelhar com o seu discurso. Quando a política se torna a esperança redentora, o pensamento do ideólogo será sempre total. A busca e o ódio por um inimigo, portanto, é absoluto.

O Brasil das eleições de 2018, como nunca antes visto, buscou tal redenção em seu próprio “messias”. Jair Messias Bolsonaro figurou, e ainda figura para muitos, como representante de uma “nova política”, redentora, capaz de exterminar um inimigo em comum: o PTismo. A história nos aponta que tal configuração colocaria em risco a democracia e abriria espaço para defloração de uma imaginação totalitária em vias de fato. O que é no mínimo decepcionante para o outro extremo da polarização que encarava as redes sociais como ferramentas democráticas e em favor da democracia por excelência. Em suma, não podemos ter a ingenuidade de acreditar que somente a distribuição dos recursos simbólicos e o acesso à informação possam ser capazes de uma transformação política e social significativa. Além da simples retórica do diagnóstico que nos levam a caminhar entre utopias ou distopias, entre demonizar as tecnologias ou idolatrá-las, devemos caminhar para uma perspectiva de responsabilidade e tarefa. A questão hoje nem é tanto como a internet irá transformar o modus operandi da política, mas como ela pode motivar ou desmotivar os cidadãos a se envolver e a praticarem a própria política.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique. MALINI, Fábio. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ANTOUN, Henrique. **Biopolítica e cibercultura: o jogo do cuidado de si da guerra em rede às revoltas juvenis**. Anais da Compós. 2016

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

CASTAÑEDA, Marcelo. **As manifestações dos dias 13 e 15 de março. Polarizações desérticas**. Entrevista especial com Marcelo Castañeda. Disponível online em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/540582-crise-politica-brasileira-da-ideia-de-golpe-ao-fortalecimento-do-menos-pior-entrevista-especial-com-marcelo-castaneda>. Acesso 11/04/2017.

FUCS, José. A ‘máquina’ barulhenta da direita na internet. **O Estado de S. Paulo**. 26 Março 2017. Online. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,a-maquina-barulhenta-da-direita-na-internet,70001714254>. Acessado em 2 de maio de 2017.

GOMES, Wilson. **A política na timeline. Crônicas de Comunicação e Política em redes sociais digitais**. Bahia. Ed. EDUFBA. 2014.

_____. **Internet e participação política em sociedades democráticas.** Revista Famecos, v. 12, n. 27, p. 58-78, 2008.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede.** Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2008.

LEMOS, André. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** 6 ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MALINI, Fábio. As manifestações de 13/15 de março e a artificialização das redes sociais. Entrevista especial com Fábio Malini. Disponível online em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/540785-protestos-1315-e-a-artificializacao-das-redes-sociais-entrevista-especial-com-fabio-malini> Acesso: 12/04/2017.

RAZZO, Francisco. **A imaginação totalitária.** Editora Record, 2016.